

O BARATISMO NO PARÁ: MITO E REALIDADE

Edilson VALENTE*

O Baratismo foi o fenômeno político mais marcante na política paraense deste século, deixando um rastro muito grande de simpatias e de ódios atrás de si. O estilo político de governar, imprimido pelo personalismo de Barata, provocou muitas laudas de paixão de historiadores e jornalistas que, por muito tempo, não cansaram de elogiar os feitos do grande político local. Nossa perspectiva, neste artigo, é andar na contramão deste discurso, contribuindo para reacender a discussão historiográfica em torno do político e do personagem, permitindo, assim, outros olhares sobre a sociedade paraense do período e sobre o personagem em questão.

Compreender o fenômeno político do Baratismo no Pará, remete ao entendimento da conjuntura política dos anos 20, para que possamos entender, neste contexto, a chegada de Barata ao Poder, antecipando que não é nossa preocupação fazer uma análise do movimento de 30 em nível nacional, optamos por somente situar Barata nesta conjuntura.

Em meio aos agitados anos 20, deu-se um movimento golpista e de caráter reformista, moralizador e pouco popular que foi o tenentismo. Dentre os levantes tenentistas, destacamos o realizado no estado do Amazonas, em 1924, no qual Barata envolveu-se como conspirador e terminou sendo preso. À época era 1º tenente do Exército. Trazido para Belém foi julgado e condenado à prisão por sua participação no levante. Barata fugiu da prisão e foi juntar-se aos revoltosos no Rio Grande do Sul.

Os anos 20, no Pará, foram marcados por um quadro de grave crise econômica e política. A crise

econômica resultava ainda das heranças da crise da borracha, herdada da década anterior, o Estado atravessava a pior crise econômica do período, sem recursos para pagar o funcionalismo público e dar seqüência às obras, paralisadas, tanto na capital quanto no interior. Politicamente, repetiam-se no estado as disputas entre frações oligárquicas, repetindo-se no estado o autoritarismo, o clientelismo, o apadrinhamento, o distanciamento com os setores populares, as fraudes eleitorais, o coronelismo, com o revezamento no poder entre Lauristas e Lemistas os conchavos políticos.

Em 1929, as eleições diretas no Pará indicaram a vitória de Eurico de Freitas Vale, que foi deposto pelo movimento de 30. Foi formada uma junta provisória, que governou somente dois dias, quando então assumiu uma nova junta composta por Ismaelino de Castro, Rogério Coimbra e Mário Chermont, encarregada de empossar, em 12 de Novembro de 1930, o interventor federal indicado por Getúlio Vargas: Joaquim de Magalhães Cardoso Barata, o Barata, como ficou conhecido no imaginário popular.

Em Belém, a posse de Barata contou com o apoio de "revolucionários adesistas", ou seja, os que no calor do golpe passaram a apoiar Barata, visando sobreviver politicamente. Contudo a maioria da população assistiu *bestializada*, já que Eurico Vale contava com certa simpatia popular, embora fosse de fato apoiado pelas oligarquias locais conservadoras, derrotadas pelo movimento de 30. O golpe de 30, no Pará, veio muito mais

* Professor de História do Brasil e Metodologia das Ciências Sociais - Curso de Formação de Professores/UEPA

pra conservar que para alterar, daí não merecer ser chamado de *Revolução*, concepção, aliás, produzida pelos golpistas. Entravam em cenas novos grupos oligarcas, repetindo-se, no Pará, o receituário político traçado por Vargas para o país. Aliás, importante lembrar que Barata deve ser compreendido como um político ligado a certos grupos oligarcas locais, que em nada justifica esta memória de *governo dos pobres contra os ricos*, vejamos.

Os grupos políticos no Pará dividiam-se em duas principais facções que se revezavam no poder durante a primeira república: Lauristas e Lemistas. O movimento de 30, no Pará, utilizou-se do discurso de desarticulador dos grupos oligarcas, mas sabe-se das inclinações de Barata por Lauro Sodré, seu padrinho.

Os Lauristas eram ligados a Lauro Sodré (gov. do Estado em 1891 e entre 1917/1921), opositores dos Lemistas, seguidores de Antônio Lemos, que foram tachados pelos Lauristas de oligarcas conservadores. Ora, não restam dúvidas que as lutas entre Lauristas e Lemistas eram lutas políticas travadas no interior das classes dominantes locais. Entre setores profissionais da política paraense, que em nada se aproximavam do conjunto da população paraense, a não ser nos momentos dos pleitos eleitorais em busca de garimpar votos.

Alguns elementos são fundamentais para entendermos os efeitos políticos do Baratismo, como a violência política e o populismo caboclo. Importante perceber também que Barata foi o expoente do Varguismo no Pará, sendo também um devoto do mestre, adotando muitos dos princípios políticos do Varguismo na região, como a defesa do nacionalismo, o militarismo, o anti-comunismo, o totalitarismo, o trabalhismo e o populismo. Estes serão os elementos principais de nossa análise.

A primeira interventoria de Barata deu-se no período de 1930 a 1935. Barata perdeu a eleição para o governo, em 1934, para José Carneiro da Gama Malcher, que assumiu no ano posterior. Entre 1935 e 1943 foi servir no Recife, período em que foi promovido a tenente-coronel. Em 1943 voltou a Belém para iniciar sua 2ª interventoria, que terminou em 1945, coincidindo com o fim da

2ª Guerra Mundial, a queda dos fascismos na Europa, juntamente com o fim do Estado Novo no Brasil e a conseqüente queda de seu guru político, o ditador Getúlio Vargas. Em 1945, com o processo de redemocratização, foi eleito senador. Em 1950 concorreu novamente para o governo do Estado e perdeu, de novo, desta vez para Zacarias de Assunção. Em 1956, voltou ao governo do estado, na única eleição direta que venceu, deixando o poder em 1959, por força do seu falecimento. Sua morte, no auge do poder, e 5 anos após o suicídio de Vargas servem como elementos importantes para entendermos um pouco do misticismo criado em torno do Baratismo.

Curiosamente, Barata perdeu quase todas as eleições que disputou, destacando-se as para o governo do estado em 1934 e 1950. Isso nos leva a duas constatações: Barata, tal qual o mestre, dava-se muito melhor com a ditadura que com a democracia (importante lembrar que Getúlio governou o Brasil por 19 anos e ganhou na urna, só uma eleição, em 1951) e a outra Barata, sempre procurou conduzir de forma isolada, autoritária e aristocratizada o poder político no estado, o que provocou fricções de classe no interior dos grupos dominantes que o apoiavam, contribuindo para seu enfraquecimento e desgaste político nos pleitos eleitorais, em que geralmente concorria apoiado por um pequeno séquito de assessores e deputados governistas.

Vinculado politicamente ao Partido Liberal, grupo de tendência "anti-oligárquica", Barata esteve ligado a setores da elite local, enfrentando a oposição sistemática de um grupo político aliançado, fortalecido pelo levante paulista de 32, em São Paulo. Tratava-se da FRENTE ÚNICA PARAENSE - FUP.

A FUP era formada pelos antigos membros do Partido Republicano Federal, pelo Partido Republicano Paraense e por dissidentes "revolucionários".

Em 1933, houve eleição para a Câmara Federal, a FUP não elegeu nenhum candidato, enquanto o Partido Liberal, capitaneado por Barata, conseguiu todas as 06 (seis) cadeiras a que o Pará tinha direito no Congresso, graças ao apoio das principais oligarquias agrárias do interior, o que

mostra o caráter pouco anti-oligarca do Partido Liberal e logicamente do próprio Barata

Com a decretação do Estado Novo, em 1937, os partidos políticos foram fechados a mando de Getúlio Vargas. Com a abertura política pós 45, os partidos se reorganizaram. Barata articulou-se politicamente no Partido Social Democrata (P.S.D), criado por Vargas, em nível nacional, para buscar o apoio político das oligarquias rurais do País. No Pará, Barata foi o principal articulador do P.S.D, enfrentando a oposição política da União Democrática Nacional (U.D.N).

O Baratismo no Pará foi marcado por elementos que caracterizaram a passagem do personagem pelo governo do Estado e contribuíram para personalizarem o mito. Destacamos dentre eles:

a) O Militarismo: sua formação política deu-se nas fileiras do tenentismo, que explica sua conduta militarizada a frente do poder público, bem como o forte grau de autoritarismo, unitarismo e centralismo nas decisões políticas, assim como suas arbitrariedades. São famosas as histórias que contam sobre o poder de decisão irrevogável de Barata, tipo nomear professoras analfabetas para o cargo, sem aceitar ponderações em contrário (é claro que muitas dessas histórias geradas e repassadas pela oralidade popular são fruto do mito do Baratismo, mas que revelam o olhar da população sobre a liderança política). Este militarismo intervencionista permitiu a Barata ignorar, por exemplo, o papel do Legislativo e do Judiciário, ao sabor das suas conveniências políticas Barata governou o Estado como quem lidera um Quartel.

b) O anti-comunismo: ainda sobre o tenentismo, importante lembrar que, nos anos 30, ele dividiu-se em duas correntes: uma que legitimou o estado autoritário e centralizador do varguismo, a exemplo dos que engrossaram as fileiras da Ação Integralista Brasileira (AIB), grupo de tendência fascista que apoiou Vargas no golpe do Estado Novo e outra opositora do modelo varguista, a Aliança Nacional Libertadora (ANL), de tendência democrática. Ora, é importante

lembrar que Barata era simpático a AIB o que explica seu comportamento pouco democrático, simpático ao totalitarismo e fundamentalmente anti-comunista. Para ele, os militares seriam os bons, os construtores do País, enquanto os comunistas seriam os maus, os destruidores da nação, daí a necessidade de serem perseguidos e liquidados política e existencialmente. Na verdade, isso expressa o esforço de Barata em cerrar oposição a todo projeto político oposto ao dos militares, construindo em seu lugar um discurso paternalista e populista, no sentido de deslocar o povo da participação política, buscando transformá-lo em mera vítima da História e não sujeito partícipe do processo. Este discurso deve ser articulado juntamente com uma concepção nacionalista, patriótica, de um estado-nação, governado acima das classes, que o Exército poderia construir, já que imune aos vícios políticos dos civis.

c) A violência política; Barata estabeleceu no poder uma política que combinou propaganda ideológica do regime, populismo e violência política. Esgotadas as formas de vencer a oposição pela via do jogo constitucional, utilizou o artifício da violência política, da repressão policial, da força, como forma de intimidar e nulificar a atuação dos opositores.

Citemos alguns exemplos de violência política:

01) Com o andamento do movimento de 30, no País, Barata e seus correligionários procuraram organizar um incêndio na chácara do então prefeito de Belém, Antônio Faciôla, visando desviar a atenção das autoridades, deixando livre o caminho para o golpe. Veja o relato de Ismaelino de Castro, um dos autores da tentativa à época: *“nós simularíamos um incêndio na casa do velho Faciôla, localizada na Rua Tito Franco, o Faciôla era o prefeito de Belém. Nós simularíamos o tal incêndio e, naturalmente, as autoridades todas corriam para lá. Se isso ocorresse, ficaríamos com a cidade livre; com o Palácio do Governo, o Quartel da Polícia, onde tínhamos conspiradores; nós iríamos numa passeata para o Quartel General; e em outra passeata, para ocupar o Palácio do Governo. A Polícia Militar não reagiria, era o compromisso que*

tínhamos”. (RIBEIRO, A Revolução de 30 no Pará: Violência Política, p. 17-18.). [A chácara dos Faciolo existe ainda hoje, localizada na Avenida Almirante Barroso, antiga Tito Franco, entre Mauriti e Barão do Triunfo].

02) Ataque da polícia aos estudantes de Medicina e Direito em passeata de apoio ao movimento paulista de 32. Os estudantes foram atacados a bala e muitos sofreram espancamentos.

03) Agressão ao acadêmico de medicina Catete Pinheiro pertencente aos quadros da Frente Única Paraense-FUP, espancado brutalmente no interior de um bonde em Belém.

04) Além da violência política, havia também a violência institucional. Em se tratando do magistério, por exemplo, Barata demitia ou remanejava professores (as) e funcionários ao sabor das suas conveniências políticas.

05) Perseguição sistemática contra o Jornal “Folha do Norte”, dirigido por Haroldo Maranhão, que, a partir de um dado momento, rompeu com Barata. Este, por sua vez, suspendeu a circulação da “Folha” por várias vezes, além de atentados a bala, depedração do prédio e proibição do acesso dos repórteres do Jornal às repartições públicas no horário de serviço, bem como tentativa de incêndio às dependências do jornal para evitar que fosse publicada uma matéria sobre a morte do cidadão José Avelino, morto por elementos ligados à FUP, no interior de uma confeitaria.

Estes são alguns dentre tantos exemplos de violência que passaram a se institucionalizar no Estado pós-30, numa espécie de terror oficial, legalizado, já que efetivado por organismos de “segurança” do Estado, exemplo da polícia.

d) A questão da educação: qualquer regime que se instala no poder tem a preocupação não só de conquistar a direção política, mas de, fundamentalmente, penetrar no imaginário popular e lá fixar suas raízes, arraigar suas idéias. A educação tem um papel fundamental neste processo e foi muito bem utilizada por Barata para conseguir reproduzir o ideário do poder no imaginário popular.

Neste sentido, as escolas teriam o papel vital de reproduzir os ideais da “revolução”: a

“moralidade”, o “patriotismo” e o “civismo”. Era desejo do interventor transformar o “povo ignorante em cidadão”, isso explica o grande incentivo de recursos na educação básica, com a criação do maior número possível de escolas, associada a um forte controle das atividades desenvolvidas no interior das salas de aulas.

Lugar privilegiado nesse processo coube às professoras primárias e às mulheres em particular, que desempenharam um importante papel na reprodução do ideário baratista, no conjunto da sociedade. Nos anos 30, o avanço na questão eleitoral com a extensão do voto às mulheres, transformou-as num importante segmento social, inportância esta percebida por Barata, não é à toa que, em 1932 foi criada a Legião Feminina Magalhães Barata, a qual curiosamente, era ligada a uma liderança masculina e a um partido político, o Partido Liberal, pró-baratista. A intenção de Barata era de aproximar-se das mulheres e do magistério.

Claro deve estar que o conjunto das professoras não era simpático aos propósitos do baratismo, compondo uma oposição. A elas, Barata dava o tratamento dispensado a todos os “traidores do desejo do povo”: o remanejamento para outras escolas, muitas das quais no interior, ou simplesmente a exoneração do serviço público.

e) O trabalhismo pelego: No tocante as relações entre as classes sociais, particularmente na relação trabalhador x patrão, Barata procurou repetir o receituário varguista no estado, procurando reproduzir o discurso da amigabilidade entre as classes sociais e não de oposição e conflito. Barata, a partir de 30, atrelou o movimento sindical ao Estado, dando amplo espaço de atuação ao chamado sindicalismo pelego, procurando, com isso reforçar o papel do Estado nas relações patrão x operário, na condição de mediador, solucionador de conflitos, impedindo com isso a livre organização sindical.

No nível nacional, Vargas criou o Ministério do Trabalho Indústria e Comércio, em 1930, e a Confederação Nacional do Trabalho-CNT, interferindo diretamente nas organizações sindicais independentes e gerenciando a sindicalização em todo o País. No Pará, Barata faz o mesmo criando

dispensando uso de seguranças, andava pelos interiores do estado nas casas dos caboclos vestido a rigor militar, trajando farda, chapéu e as botas, que imprimiam o símbolo do personalismo, do poder, do patriotismo, do civismo e da autoridade, elementos que marcaram seu comportamento político e ficaram fixados na lembrança e no imaginário popular.

Valeu-se de uma linguagem simples e rude, decifrável pelo caboclo simples, elemento vital para garantir a difusão da sua mensagem. Um dos elementos mais famosos do seu governo foi o trato rigoroso e violento dado à criminalidade, sendo conhecidas ainda hoje as estórias sobre os presos enviados, sem retorno, para uma penitenciária situada na ilha de Cotijuba. O que há por detrás disto é o tom autoritário de um governo que não conseguia tratar os problemas sociais, bem como o atropelo sobre o poder judiciário. Bom mesmo era ser justiceiro.

No tocante ao trabalhismo, já citamos o envolvimento direto de Barata com os problemas dos trabalhadores, interferindo diretamente nas negociações entre patrões x empregados, reforçando a imagem de protetor dos pobres.

As escolas também foram alvo destacado das investidas populistas do Baratismo: as crianças eram levadas a cantar o hino do Brasil e do Pará e fotografias com a imagem do interventor foram distribuídas nas repartições públicas e nas escolas, que, freqüentemente, eram visitadas, muitas vezes de surpresa, pelo interventor para verificar se a “casa estava em ordem”.

g) As formas de resistências e oposição:

os opositores de Barata eram chamados de “carcomidos”, expressão usada para atingir principalmente os membros da FUP.

Seria ilusório e equivocado acreditar que Barata não encontrou oposição às suas pretensões políticas. Aliás, é importante perceber que não há governo ou regime hegemônico o suficiente para garantir a ausência de oposição. Com Barata não foi diferente, a oposição existiu de maneira mais ou menos explícita, variando ao sabor da conjuntura política, encontrando espaço maior ou menor para ecoar seu protesto.

No tocante aos sindicatos, por exemplo, haviam entidades que não eram reconhecidas pela E.B.T.P., logo não contavam com o aval do Ministério do Trabalho e do Estado, passando a atuar de forma clandestina. Se por um lado Barata procurou arregimentar as mulheres através da Legião Feminina Magalhães Barata, por outro, um grupo considerável de mulheres não rezava no terço do Baratismo, cerrando oposição ao governo e enfrentando, por isso, as mais severas punições nas escolas e instituições públicas.

Soma-se a isto a atuação da FRENTE ÚNICA PARAENSE-FUP que, mesmo formada por setores sociais ligados aos antigos grupos políticos e oligarcas locais, cerrou forte oposição ao Baratismo, embora com propósitos muito mais particulares do que coletivos.

A atuação do Jornal “Folha do Norte”, como forma de oposição sistemática ao Baratismo, também deve ser adicionada a esta análise e somada a tantas formas de protestos públicos, muitos dos quais sequer divulgados, devido ao forte controle e censura sobre a imprensa local.

Desta forma, fica evidente que a oposição ao baratismo foi freqüente e ativa, mas foi barrada pelo autoritarismo do “ditador tupiniquim”.

h) O mito e a memória do Baratismo: tem sido uma atitude comum, por parte da “historiografia oficial” brasileira, criar mitos e eternizar seus próprios heróis no imaginário popular. Não bastasse a vasta produção historiográfica, a construção de praças, monumentos, ruas, etc., para homenagear “os líderes do país”, grandes homens que não “mediram esforços em nome do bem coletivo”, reforçam estes olhares. Compõem a galeria dos heróis, ao nível nacional: Cabral, “que descobriu”; Isabel, “que libertou”; Deodoro, “que proclamou”; Vargas, “que modernizou”, a galeria é longa. No Pará, muitos são os destaques, dentre eles; Antonio Lemos e o próprio Barata, transformados em mitos no imaginário popular.

Enquanto isso, os que efetivamente são expoentes, para os segmentos populares, continuam a ser escondidos no rodapé da História, ou alguém conhece praças e ruas em homenagem a Ganga

Zumba e Zumbi (lideranças em Palmares), Lopes Trovão e Silva Jardim (partidários do republicanismo democrático-popular e anti-oligarca), ou mesmo de lideranças populares como Chico Veado, Maria Onça, líderes incontestes da Cabanagem no Pará. Onde está esta memória que não vemos expressa nas ruas e logradouros públicos? Foram substituídas, deram lugar aos monumentos e festas oficiais, organizadas pelo Estado, que apropriou-se da memória popular e

transformou-as em festas cívicas, oficiais.

Os monumentos e logradouros eternizam o imaginário das elites, no cotidiano da população, fato incontestado em Belém é a existência da Praça Princesa Isabel, da Av. Getúlio Vargas e para não deixar dúvida sobre o misticismo e a memória do personagem em questão: Av. Magalhães Barata e Monumento-Museu ao interventor, que, afinal no dizer do velho caboclo, ainda embriagado pelo discurso do Baratismo, "*foi o melhor governador que o Pará já teve*".

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ALVARES, Luzia**, *Saias, Laços e Ligas construindo: Imagens e lutas - um estudo sobre as formas de participação política das mulheres paraenses - 1910/1937*. Belém: UFPa, 1990. (Dissertação de Mestrado).
- BARBOSA, Maria Aparecida Negrão**. *Magalhães Barata e a Revolução de 30 no Pará*. TCC, UFPa, 1994.
- MACHADO, Verônica Bastos**, *A Revolução de 30- repercussão no Pará*. TCC, UFPa, s.d.

- OLIVEIRA E SILVA, Francisco**. *A Primeira Interventoria de Magalhães Barata e sua relação com o movimento sindical - 1930/1935*. TCC, UFPa, 1992.
- REVISTA NOSSO PARÁ**. Agência VER editora, nº 01, s.d.
- RIBEIRO, José Roberto Silva**, *A Revolução de 30 no Pará: Violência Política*. TCC, UFPa, 1995.
- SANTANA Jr, Leopoldo Nogueira**. *Educação e Imaginário Baratista*. UFPa, 1994. (Monografia de Especialização).